

190-333

GERAL ▼ CONFLITO

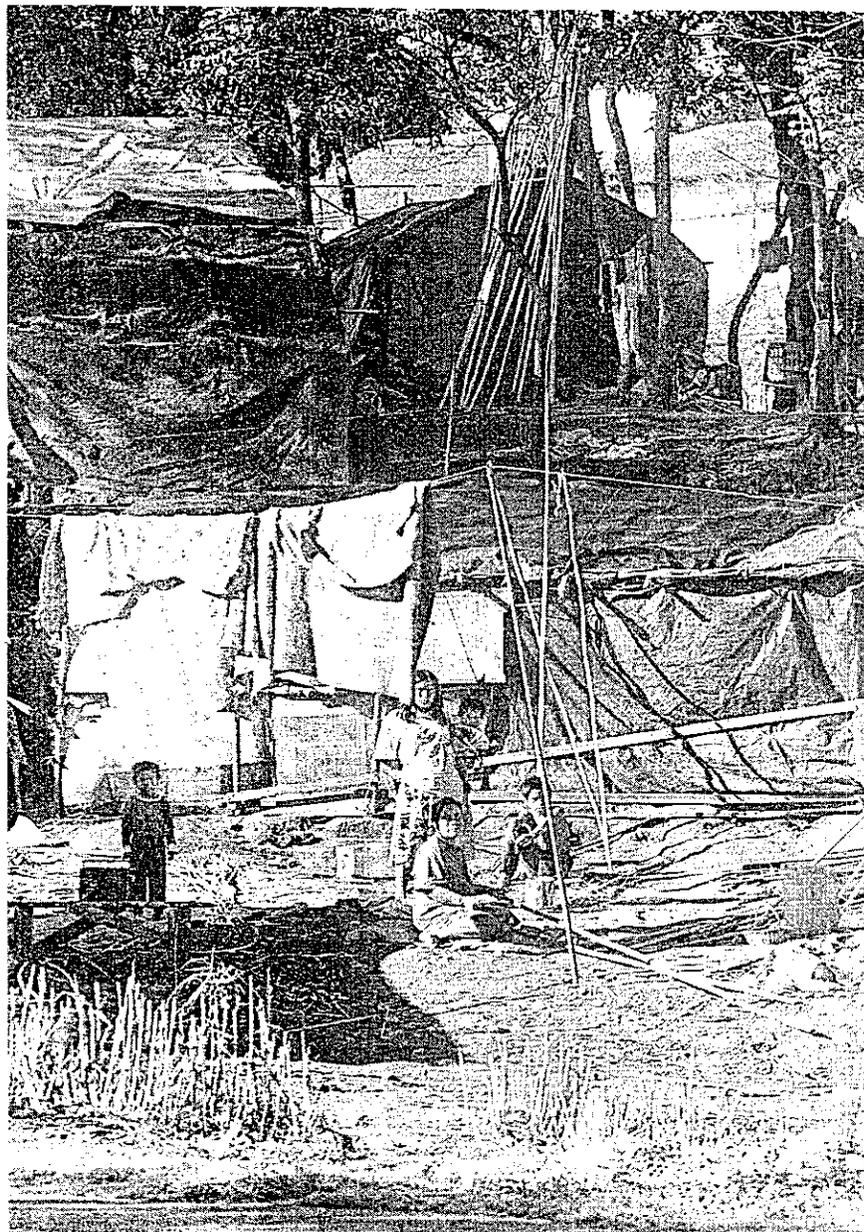
Índios e donos de terra tentam solução pacífica

Os dois lados manifestam desejo de acabar com o impasse sobre a demarcação

Cristiano Rigo Dalcin
CHAPECÓ

Uma solução pacífica. É tudo o que os índios da aldeia kaingang situada no bairro Palmital e os proprietários rurais do distrito Marechal Bormann para resolver o impasse da demarcação de terras no interior de Chapecó. O processo é desenvolvido por um grupo de antropólogos da Fundação Nacional do Índio (Funai) coordenado pela pesquisadora Kimine Tommasino, professora do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (PR). No relatório, iniciado no dia 6 de agosto, os antropólogos estudam condições gerais na cidade e as raízes dos deslocamentos na região dos índios. A preocupação com um clima tenso existe em função de um boato ainda não explicado, mas gerado a partir de informações repassadas por capatazes aos proprietários rurais sobre uma suposta invasão realizada em 4 de setembro.

“Queremos o que é nosso por bem. Nosso avós moravam em Chapecó antes mesmo da cidade existir. Não iremos invadir terras”, afirmou o índio José Conselheiro, que faz parte de uma comissão indígena kaingang da aldeia do Bairro Palmital, formada para discutir o assunto. Instalada há dois anos em um terreno do bairro Palmital, a aldeia kaingang é formada por 212 índios distribuídas em 64 famílias. As condições de sobrevivência no local são precárias. A única atividade de subsistência desenvolvida é o comércio do artesanato composto por cestos, cocares e arcos de flecha oferecidos por crianças em portas de hotéis da cidade. No vendaval que atingiu o Estado na última semana, a aldeia perdeu os alimentos estocados e uma índia de seis anos precisou ser hospitalizada depois que uma árvore caiu sobre a moradia coberta por lona.



IRINEU DALLA VALLE/DC/Chapecó

ACAMPADOS: Os índios kaingang reclamam de condições precárias

O início dos trabalhos provocou uma mobilização dos proprietários rurais organizados pelo Sindicato Rural de Chapecó. “Não tem ninguém com terra à venda”, avisou o presidente Amadeu Kovaleski. O maior receio dos ruralistas é ter a terra desapropriada sem uma indenização compensatória à produção desenvolvida na área. “Não adianta resolver

um problema e criar outro”, explicou Kovaleski sobre a relação de assentamento de 64 famílias indígenas e o conseqüente desemprego para cerca de 200 colonos. Na última reunião promovida pela prefeitura, o Sindicato Rural se comprometeu a encontrar uma alternativa. “Nós queremos uma solução que seja boa para os dois lados”, informou Kovaleski.